

Protágoras. PLATÃO. Tradução, Introdução e Notas de Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1999.

Submetida e aprovada em dezembro de 2016.

Renata Covali Cairolli Achlei¹²⁹

Dados sobre o autor

Platão nasceu em Atenas em 428-7 a. C. e morreu também em Atenas, em 348-7 a.C., viveu durante o ápice da democracia ateniense. Descendente de grandes figuras políticas como Sólon, o legislador, e Crítias, o tirano, Platão dedicou grande parte de sua obra à organização e política da sociedade grega. Influenciado pelo momento fértil que vivia seu país na época mas que, no entanto, sendo crítico quanto ao seu sistema, ele buscou estabelecer fundamentos para o conhecimento e para a ação política.

Para Platão, o governante ideal é o filósofo. Sabedoria e conhecimento são essenciais para a organização uma sociedade, e então nosso autor se aventura a ensinar o tirano de Siracusa, Dionísio II, a se transformar no filósofo-rei que ele idealizou em sua obra "A República". Sua missão, no entanto, fracassa. Em sua segunda tentativa, não só Platão não converte Dionísio II como precisa da ajuda de amigos influentes para fugir de Siracusa. Além de um grande interesse em política e ética, Platão chega aos dias de hoje famoso especialmente pela sua teoria sobre o Mundo das Ideias. Superando seus predecessores naturalistas, Platão funda um pensamento verticalizado, onde o mundo sensível nada mais é do que cópia e rascunho das ideias, que são perfeitas e eternas. Também afirma ser possível que conheçamos essas ideias apesar de estarmos aqui, no mundo físico. Para possibilitar essa afirmação, Platão tenta nos provar a existência da alma, e não só a existência como também sua imortalidade. A alma é então, a parte do homem que, livre do corpo, participa e conhece a essência das coisas.

Em 387 a.C. Platão funda sua escola de investigação filosófica, a Academia, tornando-se assim o primeiro dirigente de uma instituição permanente de ensino.

Discípulo do célebre Sócrates, Platão faz de seu mestre o protagonista de sua obra, desenvolvendo raciocínios em forma de diálogos em que o professor leva todos a questionarem suas crenças e seu conhecimento. Com perguntas capciosas, Sócrates

¹²⁹ Estudante de graduação em Filosofia (UFPR). *E mail:* renataachlei@icloud.com

desconstrói o que até então se acreditava sobre o tema em questão para erguer novas teorias, de forma logicamente sólida. Chamava isso de "maiêutica", literalmente "a arte do parto". Apesar de afirmar nada saber, Sócrates procura auxiliar o "parto" do conhecimento nas mentes de seus interlocutores através de perguntas e respostas simples.

O diálogo que analisaremos a seguir, Protágoras, é retrato da preocupação já mencionada anteriormente do filósofo com o bom agir ético-político de que todo homem grego deveria ser dotado. Fala sobre o ensino das virtudes e questiona a função do Sofista na sociedade grega de sua época. Também é um exemplo perfeito de como Platão retrata o método Socrático de perguntas e respostas como meio para chegar aonde quer diante de um adversário formidável: o grande sofista Protágoras.

Exposição do conteúdo da obra

Neste diálogo de Platão, Sócrates e o amigo, Hipócrates, fazem uma visita a Protágoras, famoso sofista, que está visitando a cidade na ocasião. Antes de o encontrarem Sócrates questiona o quê, afinal, poderia ensinar um sofista e o que seria exatamente essa profissão, já que não é tão simples entender as especificidades dessa carreira como o é com um arquiteto, um escultor ou um músico.

Trata-se de uma conversa importante para Hipócrates, que está na iminência de gastar suas economias e de sua família nos ensinamentos do célebre Protágoras. O amigo adverte Hipócrates a ter muito cuidado ao "comprar" conhecimento, pois essa é a mais complicada e perigosa das aquisições.

Quando eles finalmente chegam à casa do anfitrião de Protágoras, encontram o sofista sendo seguido por um séquito de discípulos e admiradores, inclusive estrangeiros, que o acompanham pelo jardim. Percebem tratar-se de um homem de grande carisma.

Ao abordá-lo, Sócrates utiliza de sua conhecida humildade, desfilando elogios, e o informando de que Hipócrates e ele o estavam procurando para que seu amigo pudesse se tornar seu pupilo, mas que antes de tomar essa grande decisão, Sócrates, em nome do amigo, faria a Protágoras algumas perguntas sobre seu trabalho.

Homem de grande vaidade, Protágoras permite que todos os presentes se reúnam para ouvir sua conversa com Sócrates. E a conversa se inicia com a pergunta sobre qual assunto, exatamente, um sofista ensina a seus alunos. Protágoras lhe responde que o que

ensina é a arte política. Então Sócrates retruca dizendo tratar-se de uma arte que não se ensina. Conta que o saber técnico necessita de estudo e formação, já a política é democrática: todos os cidadãos atenienses, não importando quais sejam suas habilidades técnicas específicas adquiridas em seus estudos, estão convidados e aptos a discutirem política e praticarem a cidadania já que é pressuposto que sejam dotados de Virtude.

Obviamente que para Protágoras a Virtude pode ser ensinada, e tal é o seu trabalho. E como prova de que o homem acredita nessa máxima, ele dá o exemplo da punição que reservamos aos criminosos. Ora, ao punirmos um homem que fez o mal, não estamos voltando no tempo e eliminando o mal feito, mas procuramos, com tal punição, ensiná-lo a não reincidir em seu erro, e também transmitimos a outros o mesmo ensinamento através do exemplo.

O sofista argumenta que a Virtude, é sim, ensinada a todos nós, desde muito tenra infância, por nossas famílias, em nosso dia-a-dia, aprendendo o que é certo ou errado, bom ou mau, honesto ou vergonhoso, justo ou injusto. E ainda que somos orientados a nos espelhar em grandes homens de virtude inquestionável, além de possuímos as leis para guiar-nos.

Inaugurada a oposição entre os dois, o mestre de Platão começa sua argumentação perguntando ao visitante se as qualidades da Virtude são iguais ou diferentes entre si, a saber: temperança, justiça, santidade, coragem e sabedoria. Protágoras argumenta que são diferentes entre si e que as pessoas tem mais umas do que outras. Alguns homens são corajosos, mas devassos, por exemplo. Sócrates afirma não ser isso possível e que cada uma das partes da são entrelaçada, unificando a Virtude. Por exemplo: é possível ser santo sem ser justo? A justiça poderia ser ímpia? Não. Então também é santidade a justiça.

Para auxiliar sua teoria de unidade e contradizer Protágoras, Sócrates analisa os contrários, e faz todos concordarem que cada coisa possui apenas um contrário. Pega o exemplo da loucura, que foi usado por Protágoras tanto como contrário de temperança quanto como de sabedoria. Ora, tendo o mesmo contrário, temperança e sabedoria seriam forçosamente a mesma coisa. Então qual foi o erro de Protágoras: afirmar que temperança e sabedoria são diferentes, ou que possuem o mesmo contrário? De qualquer maneira consegue Sócrates encurralar seu adversário.

Segue assim o embate entre dois mestres da argumentação dialética. Mas diante das esquivas de Protágoras, Sócrates ameaça ir embora. É segurado pelo braço pelo amigo Cálias, que, em nome de todos, pede que fique. Sócrates continua se recusando a

ficar a não ser que Protágoras concorde em responder-lhe com frases curtas, alegando que não compreende seus longos discursos de sofista. Por sua vez, Protágoras acha que deve se expressar como bem entender, assim como Sócrates o faz. Para que a briga termine e a conversa continue, o ateniense faz uma última proposta: que Protágoras então faça as perguntas para, posteriormente, trocarem de posição. Protágoras, a contra gosto mas sem saída, concorda, reiniciando a conversa com a análise de uma poesia.

Após algum tempo o debate sobre a poesia é interrompido por Sócrates, que propõe que voltem à questão inicial sobre a Virtude, sem subterfúgios ou citações. Protágoras concorda em ser finalmente interrogado por Sócrates.

Voltando à questão: a sabedoria, a temperança, a justiça, a santidade e a coragem, sendo cinco nomes diferentes, aplicam-se a uma só coisa, ou possuem essências diferentes? Protágoras mantém sua posição de que são diferentes mas todas são parte da Virtude. Mas afirma que, à exceção da coragem, elas possuem semelhanças entre si. O sofista se revela um belo rival, e Sócrates continua sempre encurralando-o como costuma fazer com seus interlocutores, utilizando de sua maiêutica e dialética.

Sócrates quer estabelecer a relação de semelhança entre coragem e as outras partes da virtude. Quer provar que são todas uma e a mesma coisa. E de fato chega a essa conclusão posteriormente como veremos.

Para chegar aonde quer, Sócrates inaugura uma nova discussão, sobre bem e mal serem o mesmo que agradável e desagradável. Afirma que o bem é o prazer, e o mal é o sofrimento. Mesmo quando sofremos para um bem, como por exemplo na prática de exercícios, o fazemos para atingir um prazer que seja maior do que a dor sofrida, como a saúde e a força. O fim dessa dor seria um prazer. O bem é o prazer.

No entanto sabemos que alguns homens praticam o mal por serem "vencidos pelo prazer". Se estamos chamando prazer de bem, estaríamos diante de uma contradição. Segundo Sócrates, o que causa essa contradição é o tamanho ou a quantidade de bens ou males. Ao aceitarmos um mal em nome de um bem é porque julgamos esse bem maior do que o mal que viveremos antes de encontrar tal bem que buscamos. Como uma troca em que o bem vence.

Podemos ainda trocar os termos bem e mal por agradável e desagradável - questão que Sócrates fez todos os presentes concordarem com sua exímia argumentação antes de prosseguir. O homem coloca as coisas na balança para saber quais levam vantagem sobre as outras. Entre dois bens escolhemos o maior, entre dois males escolhemos o menor, entre o bem e o mal escolhemos o bem. Se existir um mal no

caminho desse bem, que ele seja menor que o bem a atingir. Ora, quem erra nessa escolha o faz por falta do conhecimento das medidas. Precisamos CONHECER o excesso, a falta ou a igualdade de uns com relação aos outros.

Justamente é esse o conhecimento que Protágoras vende, certo? E que, de início, Sócrates afirmava ser impossível de se ensinar.

A seguir, o famoso professor de Platão volta a inquirir Protágoras a respeito da coragem, que havia sido considerada pelo sofista como a mais diferente de todas as partes da Virtude: o homem deve se afastar do que é mau, mas justamente em direção ao que é ameaçador e mau o homem corajoso se dirige. Nesse momento, Sócrates nos dá a impressão de que coragem, então, não poderia ser parte integrante da Virtude. Mas na sequência ele nos dá um exemplo, o da guerra (julgada muito positivamente pelos gregos):

Se um homem covarde se recusa a lutar na guerra e o corajoso vai, ele esta enfrentando seus medos por algo belo e não vergonhoso. Logo, ir para a guerra é bom, se é bom é também agradável (pois já haviam concordado em serem sinônimos). Nesse caso a covardia seria o desconhecimento do que se deveria temer ou deixar de temer. A coragem conhece o que é verdadeiramente perigoso e o que não é. Então a guerra seria o mal menor do que o bem que se seguiria dela, como discorremos anteriormente.

Com esse argumento Sócrates derruba o dito por Protágoras sobre haverem homens ímpios e maus (logo ignorantes), mas também corajosos, e consegue assim colocar a coragem ao lado das outras partes da Virtude, unindo a todas com o CONHECIMENTO. Ao termos o conhecimento certo, já seremos dotados de Virtude. Acompanhando esse diálogo e suas viradas dialéticas podemos concluir que Virtude pode, sim, ser ensinada? Ou existe um conhecimento inato de que a Virtude é dotada?

Protágoras, ao afirmar que a coragem pode existir na maldade, deu virtude à ignorância e caiu em contradição nos caminhos trilhados pelo diálogo.

Ao final de seu embate, ambos trocaram humildemente elogios e partiram em seus caminhos separados de maneira amigável, Sócrates e o sofista Protágoras.

Comentário

Ao observarmos a conclusão importantíssima de Sócrates de que Virtude é conhecimento no diálogo "Protágoras" somos deixados com a seguinte pergunta: esse conhecimento de que falamos e que é parte essencial da Virtude, afinal, poder ser

ensinado? Saímos do livro sem a resposta para a pergunta que foi lançada logo de início.

Podemos dar um salto no raciocínio dizendo que, como trata-se de CONHECIMENTO, então logicamente poderia ser ensinada?

Diante dos rigores do raciocínio filosófico, e conhecendo um pouco mais de Platão, podemos nos arriscar a dizer que não, não podemos dar esse salto. O conhecimento, para Platão, especialmente de ideias como justiça, coragem, temperança e sabedoria, não pertencem ao mundo sensível, logo não poderia ser ensinado. Tampouco poderíamos afirmar tratar-se de um conhecimento inato, mas, acompanhando sua teoria sobre a alma e o mundo das ideias, sabemos tratar-se de um "relembra" de nossa alma, aos poucos, ao entrarmos em contato os reflexos distorcidos dessas ideias.

Estamos, pois, em um mundo que não passa de rascunho, mas nossa alma imortal, independente que é de nossa carne, conhece as ideias perfeitas e eternas, pois lá ela já esteve, antes de encarnar. Logo, conhecemos a justiça, a temperança, a coragem e a sabedoria mesmo sem sermos ensinados. Virtude é o conhecimento pleno de tais ideias.

Protágoras nos afirmava o oposto, que a Virtude, ou as virtudes, poderiam ser ensinadas, seja na escola, por um tutor, pela família, pelo exemplo, pelo castigo, enfim, a Virtude nos é transmitida.

Ponto de vista um tanto empírico, Protágoras foi vencido pela exímia habilidade de Sócrates em conduzir o diálogo, provocando uma contradição e desacreditando o sofista. No entanto é sempre possível encontrarmos algum momento nas nossas experiências em que essa ou aquela virtude nos foi transmitida. Até mesmo valores contraditórios nos são transmitidos levando o nome de uma só virtude - o que é justo para um pode não ser o justo para outro (sendo justiça parte integrante da Virtude que estamos tratando)! Qualquer que seja o exemplo de virtude, encontraremos o momento de nossa história individual em que o aprendemos, e como o aprendemos, que pode ser uma experiência completamente diferente da de outra pessoa a respeito da mesma virtude. Sendo assim, Protágoras estaria com a razão.

E então a seguinte pergunta me foi feita: se existem dois momentos em que aprendemos valores opostos, como o homem escolhe qual seguir? Seria uma porção inata de nossa Virtude que conduziria um indivíduo para sua escolha, se aproximando mais do ponto de vista platônico? Ou seria essa escolha feita pela experiência mais forte, mais longa ou mais significativa, pelo ensinamento mais efetivo, seguindo o ponto de vista do sofista?

Ao concordarmos que, quando nos deparamos com um impasse ou uma contradição, estamos inatamente preparados para fazer uma escolha, assumimos que existe um conhecimento a priori e que a Virtude, de fato, não pode ser ensinada.

Mas o quê seria, exatamente, essa característica inata que nos ajuda a fazer tal escolha? Podemos mesmo chamar de Virtude? As ideias platônicas de justiça, de sabedoria ou de coragem, poderiam ser múltiplas se fossem inatas? Se todos nascemos com uma e mesma noção de justiça, de onde vêm as divergências?

Nesta crítica defendemos a posição de que esse momento inato da escolha e do ser virtuoso, do ser justo, do bem comportar-se se chama "autopreservação" e não Virtude. Ao brincarem duas crianças pequenas, serão convencidas a dividir seus brinquedos, como já afirmava Protágoras, por meio de exemplo, de ensinamentos, de castigo ou o que quer que tenha maior apelo àquela criança em particular. Para que ela esteja plenamente convencida a ser justa e boa, ela precisa compreender que sua preservação depende disso, como, por exemplo, cair nas boas graças de seus pais, ganhar um doce ou evitar a punição. Portanto concluímos que virtude é, sim, conhecimento, como afirmava Sócrates, mas um conhecimento que se ensina.